



A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo 2

Juliano Del Gobo
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Juliano Del Gobo

(Organizador)

A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo 2 [recurso eletrônico]
/ Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto
Contemporâneo; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-017-9

DOI 10.22533/at.ed.179181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psyché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as PsicoLOGIAS contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A TOXICOMANIA COMO EFEITO PARADOXAL DO DISCURSO CAPITALISTA	
<i>Luma de Oliveira</i>	
<i>João Luiz Leitão Paravidini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819121	
CAPÍTULO 2	12
PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA E NO TRATAMENTO E RECUPERAÇÃO	
<i>Suzel Alves Goulart</i>	
<i>Cibele Alves Chapadeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819122	
CAPÍTULO 3	25
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA ERA INFORMACIONAL	
<i>Pedro Cardoso Alves</i>	
<i>Ana Lúcia Galinkin</i>	
<i>José Carlos Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819123	
CAPÍTULO 4	44
A TEORIA PROSPECTIVA E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÕES FINANCEIRAS	
<i>Carolina Leão Giollo</i>	
<i>Ricardo de Queiroz Machado</i>	
<i>Edilei Rodrigues de Lames</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819124	
CAPÍTULO 5	61
ASSIMETRIAS NA APRENDIZAGEM VERIFICADAS NA AVALIAÇÃO DO PISA SOB A ÓTICA DE GÊNERO: UMA REFLEXÃO CRÍTICA	
<i>Magner Miranda de Souza</i>	
<i>Cláudio Educado Resende Alves</i>	
<i>Maria Ignez Costa Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819125	
CAPÍTULO 6	76
REGRAS EMOCIONAIS: UM ESTUDO CORRELACIONAL COM TRABALHO EMOCIONAL E BURNOUT ENTRE TRABALHADORES EM SAÚDE	
<i>Rui Maia Diamantino</i>	
<i>Laila de Carvalho Vasconcelos</i>	
<i>Rosemilly Rafele Santos da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819126	
CAPÍTULO 7	97
PSICOLOGIA CRÍTICA E ESTÁGIO EM POLÍTICAS PÚBLICAS – UM FAZERRESISTENTE	
<i>Giulia Ribeiro Limongi</i>	
<i>Kueyla de Andrade Bitencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.1791819127	

CAPÍTULO 8 100

COMPROMISSO SOCIAL DA PSICOLOGIA E A EVASÃO ESCOLAR DA ADOLESCENTE-MÃE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO MUNICÍPIO DE LADÁRIO-MS

Sandra Regina Rocha de Lima
Cláudia Elizabete da Costa Moraes Mondini

DOI 10.22533/at.ed.1791819128

CAPÍTULO 9 124

O DESENVOLVIMENTO DO PODER DE AGIR EM PROFISSIONAIS DO PROGRAMA CONSULTÓRIO NA RUA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Daniel Rangel Curvo
Francinaldo Do Monte Pinto

DOI 10.22533/at.ed.1791819129

CAPÍTULO 10 139

PRODUÇÃO DE SAÚDE E PARTICIPAÇÃO COM USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTO-JUVENIL

Luciana Vieira Caliman
Janaína Mariano César
Victoria Bragatto Rangel Pianca
Alana Araújo Corrêa Simões
Anita Nogueira Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.17918191210

CAPÍTULO 11 150

DESAFIOS DA ATUAÇÃO DE PSICÓLOGOS (AS) NA ATENÇÃO A PESSOAS COM IDEAÇÃO E/OU TENTATIVA DE SUICÍDIO

Priscila Moura
Maria Lucia Pereira
Flávia Sallum
Alessandra Viana

DOI 10.22533/at.ed.17918191211

CAPÍTULO 12 159

OFICINA PSICOSSOCIAL COMO PRÁTICA DE PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Claudenilde Lopes dos Santos
Gabriel William Lopes
Amailson Sandro de Barros

DOI 10.22533/at.ed.17918191212

CAPÍTULO 13 170

ADOLESCENTES ACOLHIDAS E SEUS AFETOS: O QUE TEMOS COM ISSO?

Laura Ferreira Lago
Eduardo Augusto Tomanik

DOI 10.22533/at.ed.17918191213

CAPÍTULO 14 181

O PROJETO AVANÇO DO JOVEM NA APRENDIZAGEM E A REALIDADE DOCENTE

Maicon Alves Garcia
Aldenor Batista da Silva Junior
Sonia da Cunha Urt

DOI 10.22533/at.ed.17918191214

CAPÍTULO 15..... 196

QUANDO TRABALHAR É BRINCAR JUNTO: RECORTES DE UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO NA CASA DOS CATAVENTOS

Ricardo André Cecchin

Rosemarie Gartner Tschiedel

DOI 10.22533/at.ed.17918191215

CAPÍTULO 16..... 212

O COLETIVO UERJ NAS SUAS MÚLTIPLAS REDES DE (RES)EXISTÊNCIA

Ulisses Heckmaier de Paula Cataldo

Iaponira Oliveira dos Santos

Ana Carolina Areias Nicolau Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.17918191216

CAPÍTULO 17 224

SCHADENFREUDE E ESTEREÓTIPOS: OS LIMITES ENTRE ENDO E EXOGRUPOS

Ícaro Cerqueira

Marianne Cunha

Saulo Almeida

Vanessa Andrade

DOI 10.22533/at.ed.17918191217

SOBRE O ORGANIZADOR 232

SCHADENFREUDE E ESTEREÓTIPOS: OS LIMITES ENTRE ENDO E EXOGRUPOS

Ícaro Cerqueira
Marianne Cunha
Saulo Almeida
Vanessa Andrade

RESUMO: A Schadenfreude é um termo alemão, cuja tradução portuguesa é alegria, prazer, satisfação, etc. Em português, poderá traduzir-se este termo por prazer malicioso; o rejubilar pela tristeza de outro. Schadenfreude não se trata do prazer por causar sofrimento ao outro, é o prazer por observar esse sofrimento, é o contentamento malicioso pelo infortúnio dos outros. Nas relações intergrupais denota-se uma possível influência dos estereótipos para ativação da Schadenfreude. À vista disso, o objetivo deste estudo é analisar a atribuição de Estereótipos e a Schadenfreude frente a alvos sociais em situação de infortúnio, facilitadas ou não a atribuírem tais estereótipos, observando se há a relação entre esses dois sentimentos. Participaram da pesquisa 20 crianças, entre 9 e 11 anos de idade. As crianças foram entrevistadas utilizando um roteiro pré-estabelecido, onde elas eram solicitadas a apresentar traços e conteúdos estereotípicos atribuídos pela própria criança e por agentes socializadores (pais, professores, colegas) a si mesmo e a outras crianças brancas e negras, além de desenhar as crianças representadas em seus discursos.

As perguntas dirigidas foram elaboradas a partir dos conceitos de autoimagem, identidade social, estereótipos, relações intergrupais e Schadenfreude. As crianças participantes desta pesquisa apresentaram crenças fundadas no processo de socialização e mostraram o quanto os agentes socializadores são importantes no desenvolvimento do ser humano, na construção da sua identidade, uma vez que as crianças introjetam as normatividades sociais aprendidas em seu meio social.

PALAVRAS-CHAVE: Relações intergrupais; Schadenfreude; Estereótipos;

ABSTRACT: The Schadenfreude is a German term, whose Portuguese translation is joy, pleasure, satisfaction, etc. In Portuguese, this term can be translated by malicious pleasure; rejoicing in the sadness of others. Schadenfreude is not about pleasure to cause suffering to the other, it is pleasure to observe this suffering, is malicious contentment by the misfortune of others. In the intergroup relations there is a possible influence of the stereotypes for the activation of schadenfreude. In view of this, the objective of this study is to analyze the attribution of Stereotypes and Schadenfreude to social targets in situations of misfortune, facilitated or not to attribute such stereotypes, observing if there is the relationship between these two feelings. Twenty children, 9 to 11 years

of age, participated in the study. The children were interviewed using a pre-established script, where they were asked to present stereotypical traits and contents attributed by the child and by socializing agents (parents, teachers, colleagues) to himself and to other white and black children, besides drawing the children represented in their speeches. The questions addressed were elaborated from the concepts of self-image, social identity, stereotypes, intergroup relations and Schadenfreude. The children participating in this research presented beliefs based on the socialization process and showed how socializing agents are important in the development of the human being, in the construction of their identity, since children introduce the social norms learned in their social environment.

KEYWORDS: Intergroup relations; Schadenfreude; Stereotypes;

INTRODUÇÃO

Schadenfreude é um termo de origem alemã, cujo significado traduz-se pela expressão do prazer malicioso frente ao infortúnio alheio. Contudo, é importante salientar que essa jubilação ocorre por observar o sofrimento do outro e não por causá-lo (Nietzsche, 1887, apud Ana Sofia Pereira, 2009). (...) uma fonte característica de Schadenfreude é uma resposta àquilo que julgamos ser a pressuposição não justificada de superioridade pela parte dos outros. Nosso ressentimento natural de tais pessoas possivelmente desencadeia uma aversão imediata a eles, e talvez justificadamente (SMIT & TIMONS, 2015).

Immanuel Kant apud SMIT & TIMONS, 2015, expõe que “a Schadenfreude... não está sempre enraizada na maldade... [porque] ela geralmente possui sua fonte na mera travessura, alegria pelos percalços alheios” (V 27:698). Ele dá alguns exemplos, incluindo “alegrar-se com a queda do outro como se fosse de uma piada, e o medo malicioso de que os outros divirtam-se com sua agitação” (SMIT & TIMONS, 2015).

As pesquisas sobre Schadenfreude indicaram alguns elementos que podem eliciar sua manifestação. Como exemplo tem-se a inveja (Brighman, Kelso & Smith, 1997; Feather & Nairn, 2005; Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga & Nieweg, 2005; Van Dijk, Ouwerkerk, Goslinga, Nieweg & Gallucci, 2006; apud Ana Sofia Pereira, 2009), o merecimento (Feather, 2008; Goslinga, Van Dijk & Hoek, 2000; apud Ana Sofia Pereira, 2009), e os limites entre o endo/exogrupo (Nietzsche, Leach (2003), apud Mariana Catalão, 2011). De acordo com estudos sobre inveja feitos por Milar e Moore, em 1988, notou-se que os alvos invejados estavam mais vulneráveis a sofrer Schadenfreude, sendo a proximidade do observador para com o alvo outro fator que poderia influenciar a expressão ou não do prazer malicioso.

Outros estudiosos como Van Dijk, Feather e Nairn, Outwerkerk, Goslinga Nieweg, entre outros, relatam que a expressão de Schadenfreude é maior para um indivíduo que passa por uma situação de infortúnio merecido, ou para aqueles que têm uma condição de sucesso não merecido. Consequente, postulam-se as limitações entre

o endogrupo e exogrupo, na qual foram definidas três variáveis para se avaliar a Schadenfreude nas relações intergrupais: O sentimento de inferioridade que é identificado pelo endogrupo na relação com os exogrupos; a relevância, para o grupo, da área na qual há o sofrimento do outro e, por fim, a ocorrência de episódios que parecem legitimar a Schadenfreude (Feather, 2008; Goslinga, Van Dijk&Hoek, 2000; apud Mariana Catalão, 2011).

De acordo com os estudos de Nietzsche (1887/1967) e R.H. Smith (1996), há o relato de que a Schadenfreude será maior quando os membros do grupo interno se sentirem inferior aos membros do exogrupo. Tais teóricos justificam essa premissa pelo fato de haver uma ameaça ao status do grupo e de que a expressão da Schadenfreude surge como forma de compensar a inferioridade de status que ameaça a autoestima do endogrupo e dos indivíduos pertencentes a ele.

O segundo fator moderador citado diz respeito a relação entre os domínios e sua auto relevância para expressão da Schadenfreude. Segundo Nietzsche (1887/1967) a Schadenfreude será maior quando os domínios forem auto relevantes, ou seja, a expressão do prazer malicioso será maior quando o grupo externo sofrer um infortúnio em um domínio de interesse para os membros do endogrupo. Por exemplo, em um jogo de basquetebol, os membros do grupo interno deverão sentir maior prazer quando o grupo rival sofrer um a situação de desgraça/ tragédia, já que o interesse por essa propriedade é maior.

O terceiro elemento é relativo a eventos que parecem legitimar a expressão da Schadenfreude, como por exemplo, o merecimento e a superioridade. Neste caso, a Schadenfreude apresenta-se como menos legítima se a conquista do membro do exogrupo é vista como merecida. Consoante os pensamentos de Feather e Sherman (2002), quando os integrantes do endogrupo notam a conquista de um outro componente como ilegítima ou imerecida, o prazer malicioso a este membro em uma situação de infortúnio é aumentado.

Partindo do olhar sobre a Schadenfreude e as variáveis das relações intergrupais, é importante constar que as emoções são vivenciadas em detrimento de determinado grupo, e que estas aparecem como produto de eventos e contatos que tem por objetivo o bem estar do grupo e isso independe do envolvimento do indivíduo no evento (Mackie et al. 2004). Para que o grupo se aproprie de um sentido afetivo e emocional no indivíduo é necessário que haja uma identificação do mesmo com esta comunidade, pois somente desta maneira eles vão desenvolver o sentimento de pertença para com este grupo, e como consequência, irá tornar-se parte do self do sujeito. De acordo com Lyer e Leach, 2008, tal identificação afetiva com o grupo permitirá um grande prazer quando um acontecimento infeliz favorecer o grupo, mesmo que o ocorrido prejudique inocentes. Vale lembrar, que tal episódio acontece com frequência no eixo político, tendo em vista quem compõe os partidos experimentam prazer ao presenciar momentos de crise, quando opositores estão na liderança, mesmo que tal situação afete de maneira negativa o restante da população.

Valendo-se dos estudos de Heider (1958), percebemos que o mesmo aponta a Schadenfreude como um elemento de distância psicológica e divergência emocional, colocando o prazer como uma resposta que difere da agonia do outro.

Nas relações intergrupais denota-se ainda uma possível influência dos estereótipos para ativação da Schadenfreude (Fiske, et al. 2002). O conceito de estereótipo está intimamente ligado ao conceito de crenças. O fenômeno do estereótipo segundo Pérez-Nebra e Jesus (2011) se configura como uma atribuição de crenças que se faz a grupos ou pessoas (MENDONÇA & LIMA, 2014). Para Techio (2011) os estereótipos podem ser concebidos como crenças ou representações cognitivas simplificadas da realidade, pois os mesmos dão significado às ações intergrupais, incorporando diversas características tais como: interesses, metas, papéis sociais e imagens (MENDONÇA & LIMA, 2014). Trata-se de crenças sobre atributos típicos de um grupo, compartilhados no interior de outro grupo social. Desse modo, estereótipos possuem a função de simplificar a demanda do percebido, facilitando o processo de informação (PEREIRA, 2002, citado por MENDONÇA & LIMA, 2014).

Os estereótipos podem fundamentar atitudes negativas (preconceitos) e atos discriminatórios que se manifestam nas circunstâncias em que ocorre um tratamento injusto em decorrência da afiliação de uma pessoa a um grupo social (Bass, Tomkiewicz, Adeyeme-Belo & Vaicus, 2001; Fiske, 1998, citado por PAIM & PEREIRA, 2011). Desta forma, os estereótipos têm fortes consequências sobre a vida das pessoas. Com efeito, a tradição de conceber minorias de forma estereotipada é motivo de implicações danosas àqueles grupos (Paschoal, 2011).

A simples exposição a concepções negativas sobre si também pode ter impacto significativo no bem-estar dos indivíduos. Tais conteúdos podem prejudicar suas autoestimas e o desenvolvimento de suas reais habilidades, à medida que os indivíduos passam a temer que seus comportamentos confirmem os estereótipos sobre seu grupo (GERGOV & ASENOVA, 2012, citado por VIEIRA & LIMA, 2015).

Por conta de seus efeitos e de sua indesejabilidade social, os estereótipos negativos normalmente são evitados em expressões abertas. Por isso, podem camuflar-se ou abrir espaço para conteúdos socialmente aceitáveis quando os indivíduos são convidados a falar sobre determinados temas (VIEIRA & LIMA, 2015)

Mediante a estas concepções, as pesquisas em cognição social relatam que as pessoas se diferenciam na proporção que (des) gostam ou (dis) respeitam um alvo e não somente pelo limite entre ingroup e outgroup. Os conteúdos estereotípicos provocam emoções diversas nos indivíduos como orgulho, repugnância, inveja, entre outros. Fiske (2002) prevê que o conhecimento do estereótipo (relacionado ao status e competitividade) de um grupo ativará o preconceito invejoso, podendo desencadear respostas emocionais como a expressão do prazer malicioso, denotando que os grupos não precisam ter uma longa história de interação para provocar essas reações emocionais.

METODOLOGIA

A elaboração do percurso metodológico foi organizada a partir dos levantamentos bibliográficos sobre o tema da pesquisa, sendo que foi estudado temas diversos que puderam auxiliar na elaboração da entrevista. As perguntas dirigidas foram elaboradas a partir dos conceitos de autoimagem, identidade social, estereótipos, relações intergrupais, schadenfreude, entre outros temas complementares.

A pesquisa foi realizada com crianças entre 9 a 11 anos de idade, em algumas escolas públicas e particulares da cidade de Feira de Santana, Bahia, com a devida autorização dos pais e responsáveis. Participaram da pesquisa 20 crianças, sendo 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino.

As crianças foram entrevistadas utilizando um roteiro pré-estabelecido, onde elas eram solicitadas a apresentar traços e conteúdos estereotípicos atribuídos pela própria criança e por agentes socializadores (pais e professores) a si mesmo e a outras crianças brancas e negras. No primeiro momento, a criança era solicitada a responder um pequeno questionário de identificação, o qual tinha como finalidade informar o nome, idade, nome da instituição e o local, ressaltando também se a escola era pública ou privada.

Os questionamentos apresentados a este público alvo foram distribuídos em três etapas distintas, na primeira etapa o sujeito respondeu perguntas ligadas ao seu respeito, como qual sua cor, o que as pessoas achavam da sua cor, se já levantaram ou não opiniões ou comentários sobre isso, analisando a influência dos agentes socializadores. Na segunda etapa e terceira etapa foi analisada a opinião das crianças entrevistadas sobre outras crianças negras e brancas, além de serem solicitados a desenhar as crianças representadas em seus discursos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nos objetivos e os resultados alcançados este estudo mostrou que as crianças expressam rejeição estrutural a grupos sociais desvalorizados socialmente. Foi possível verificar que tal rejeição se faz a partir de crenças fundamentadas no processo de socialização, uma vez que é notório que as crianças introjetam normas socialmente compartilhadas. Sendo assim, mostra-se a forte influência dos agentes socializadores sobre o desenvolvimento do ser humano.

Na fala das crianças, verificou-se a existência de atitudes estereotipadas e de preconceito acerca da cor de pele negra, principalmente frente a situações de infortúnio. Tais estereótipos negativos perante sujeitos da cor de pele negra faz com que a autopercepção da criança seja mais voltada para o grupo de pessoas da cor branca e demonstre a Schadenfreude em relação a sujeitos da cor de pele negra. Assim, percebeu-se que estereótipos negativos acerca da cor negra fazem parte da socialização das crianças participantes deste estudo, fator que se leva a reflexão

sobre como esse processo de socialização das crianças representam um grande obstáculo para superar o racismo estrutural presente no Brasil. Levar esse debate para as famílias e escola é necessário para que esse tema seja base para reflexão e mudanças.

Foi possível identificar nos discursos das crianças que o preconceito em relação aos negros é frequente dentro das suas relações intergrupais, assim como o sentimento de inferioridade para com esse grupo social. Discursos de crianças apontam essas colocações, quando, por exemplo, dizem que “ser negro, é ser diferente, é ter menos prioridade em várias coisas, como por exemplo, os brancos ocupam cargos de trabalhos maiores, enquanto os negros não. O branco tem estudo, tem casa melhor, enquanto o negro tem que trabalhar na roça, pedir dinheiro na rua”. Esta colocação é citada pela maioria das crianças negras, as quais reforçam o sentimento de inferioridade em relação aos membros dos exogrupo (pessoas de cor de pele branca), surgindo assim, uma espécie de ameaça de status ao grupo podendo desencadear na expressão da Schadenfreude, uma vez que há o relato de que a Schadenfreude será maior quando os membros do grupo interno sentirem-se inferior aos membros do exogrupo.

Em relação aos traços e conteúdos estereotípicos foi identificado que a maioria dos participantes elencaram a cor branca como a criança bonita. Em relação à inteligência a grande maioria também optou por desenhar a criança branca. Já no tópico sobre criança malvada, a maioria dos entrevistados pintaram os corpos dos desenhos com cores escuras, em referência a cor negra. Estas variações na definição de traços e conteúdos remetem a construção social dos estereótipos sobre o branco e o negro, podendo provocar emoções diversas nos indivíduos, inclusive a expressão do prazer malicioso.

Diante disso, torna-se essencial pensar e articular estratégias através de grupos de discussão sobre o preconceito, o racismo, e as identidades raciais e seu possível impacto no desenvolvimento humano. A construção da identidade foi percebida nos resultados devida a aproximação das crianças com os grupos aceitos socialmente, objetivando uma maior aceitação dos outros e de si, evitando qualquer tipo de rejeição. Descobriu-se nesta pesquisa que as crianças interiorizam comportamentos e atitudes preconceituosas fomentadas pelos agentes socializadores contra negros e concomitantemente as crianças brancas apresentam um viés de superioridade em detrimento à cor negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, conclui-se que as atribuições de estereótipos feitas pelas crianças podem reforçar a expressão da Schadenfreude, que é o prazer malicioso frente ao infortúnio do outro, por meio das relações intergrupais. Dentre essas relações, foram identificadas algumas variáveis que podem influenciar nesse processo como

o sentimento de inferioridade em relação aos membros do exogrupo, os episódios que legitimam a *schadenfreude*, entre outros. Vale ressaltar o quão importante é compreender as relações intergrupais, a maneira como são pensadas, já que interferem nos relacionamentos pessoais, tanto positivamente, como negativamente.

Os estudos realizados sobre a construção dos estereótipos e da identidade fundamentaram a discussão do trabalho e a escolha dos instrumentos utilizados para realização da pesquisa. Dito isso, é preciso repensar como tem acontecido à socialização das crianças, pois essa se apresenta como um entrave para que o racismo no Brasil venha ser solucionado, faz-se necessário reconhecer e combater o preconceito e a discriminação racial no cotidiano escolar e familiar para que haja igualdade de tratamento para todos.

Pode-se perceber ainda, que a criança assumiu uma atitude de pertencente a um determinado grupo, e ao se pensar no negro, a introjeção de crenças e estereótipos transforma-o em um ser estigmatizado, e isto pode levar a criança a carregar estereótipos que influenciam negativamente a autopercepção das pessoas pertencentes a um grupo que foi estereotipado culturalmente, socialmente e historicamente, gerando até mesmo satisfação perante o infortúnio dos outros membros de um outgroup.

REFERÊNCIAS

COMBS.DJY, POWELL. CAJ, SCHURTZ. DR, SMITH.RH. **Politics, Schadenfreude and Ingroup Identification**: The sometimeshappythingabout a pooreconomyanddeath. *Journalof Experimental Social Psychology*. 2009. 45:635–646.

FISHBEIN, M., &AJZEN, I. (1975). **Belief, Attitude, Intentionand Behavior: An Intriduction To Theory And Research**. Reading, MA: Addison- Wesley.

MENDONÇA, A. P.; LIMA, M.E.O. **Representações sociais e cognição social**. *Psicologia e Saber Social*, 3(2),191-206, 2014.

MINA Cikara, Susan T. FISKE. **Stereotypes and Schadenfreud**. *Social PsychologicalandPersonality Science*. Vol 3, Issue 1, pp. 63 – 71. May-17-2011.

MONTEIRO, Mariana Catalão.**Humor e prazer perante a alegria e o infortúnio dos outros: Identificação empática, contágio emocional ou prazer malicioso?**. 2011. 74 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto Universitário de Lisboa, [S.I.], 2011. 1.

MULLEN, Brian; HU, Li-tze. **Perceptions of Ingroup and Outgroup Variability**: A meta-analyticintegration. *Basic andApplied Social Psychology*, v. 10, n. 3, p. 233-252, 1989.

Nietzsche, F. (1967). **Onthegenealogyofmorals** (W. Kaufmann& R. J. Hollingdale, Trans.). New York: RandomHouse. (Original workpublished 1887).

Pérez-Nebra, A. R. & Jesus, J. G. (2011). **Preconceito, estereótipo e discriminação**. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Orgs.). *Psicologia social: principais temas e vertentes* (pp. 219-237). Porto Alegre: Artmed.

PEREIRA, C. R. Souza, L. E. **Fatores Legitimadores da Discriminação**: Uma Revisão Teórica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2011.

PEREIRA, Ana Sofia Rebelo da Cunha .**O Impacto da Crença no Mundo Justo, da Inocência da Vítima e da Categorização Social da Vítima na Vitimização Secundária e na Schadenfreude** . 2009. 57 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Departamento de Psicologia Social e das Organizações, Instituto Universitário de Lisboa, [S.I.], 2009. 1.

SMIT, Houston; TIMMONS, Mark. **AMOR PELA HONRA, EMULAÇÃO, E A PSICOLOGIA DOS VÍCIOS DIABÓLICOS**. Revista Dissertativo de Filosofia, p. 119-151, 2015.

SMITH, R., TURNER, T., Garonzik, R., Leach, C., Urch-Druskat, V., & Weston, C. (1996). **Envyand Schadenfreude**. Personalityand Social PsychologyBulletin, 22(2), 158-168.

SOUZA, C. **Aprendendo as representações sociais da escola e sua relação com a difusão dos estereótipos étnicos**. 2009.

SPEARS, R. & Leach, C. W. (2004). **Intergoup Schadenfreud: Conditions and Consequences**. In L.Z. Tiedens & C. W. Leach (Eds.). *The Social Life of Emotions* (pp. 336-355). New York: CambridgeUniversity Press.

VIEIRA, Rodrigo de Sena e Silva; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. **Estereótipos sobre os idosos: dissociação entre crenças pessoais e coletivas**.Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p.947-958, dez. 2015.Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2015000400012&lng=pt&nrm=iso.Acessoem 11 ago. 2017. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.4-11>.

SOBRE O ORGANIZADOR

Juliano Del Gobo - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, em 2017. Formação em Psicologia Corporal pelo Centro Reichiano, em Curitiba, no ano de 2017. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (2008) e Especialização em Metodologia de Ensino Superior pelo Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais (2012). Atua como professor assistente nas Faculdades Cescage (cursos de Psicologia e Fisioterapia). Atuou como psicólogo na política pública de Assistência Social (Proteção Social Especial), entre 2011 e 2013, e na política pública de saúde (Atenção Psicossocial), entre 2013 e 2015. Atualmente ocupa o cargo de psicólogo no Escritório Regional da Secretaria da Família e Desenvolvimento Social, em Ponta Grossa, sendo técnico de referência para Proteção Social Especial de média complexidade e para o Sistema de Garantia de Direitos de Crianças e Adolescentes. Como pesquisador, tem trabalhos publicados na área de políticas públicas, saúde coletiva, sociologia da saúde, psicologia: ciência e profissão, reforma psiquiátrica, sistema único de assistência social, práticas integrativas e complementares.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-017-9

